



## O PROCESSO DE SALVAGUARDA DA DOCUMENTAÇÃO INSTITUCIONAL COMO ESTRATÉGIA PARA O RECONHECIMENTO, A VALORIZAÇÃO E O PERTENCIMENTO DE UMA MEMÓRIA EPT

Alexandre da Silva Borges<sup>1</sup>

Adriana Duarte Leon<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo em voga é produto do Trabalho de Conclusão do Curso de Formação Pedagógica para Graduados Não-Licenciados, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul-Campus Pelotas), e da participação do autor no Grupo de Pesquisa História Educação e Docência (GPHEDo). O estudo buscou compreender qual o impacto do projeto “O Acervo Institucional como um espaço de preservação da memória da Educação Profissional e Tecnológica” e seu processo de salvaguarda. A pesquisa teve como objetivos investigar o impacto do processo de salvaguarda do projeto; explicitar a metodologia empregada, seu escopo teórico, pessoal e atividades; e identificar o que emerge da documentação da qual o projeto se fundamenta. Para tanto, o artigo teve como base teórica contributos acerca da História, da Memória, dos Acervos e da Educação Profissional Tecnológica, utilizando autores como Le Goff (2003), Candau (2014); Farge (2009) e Almeida (2021). No que concerne a metodologia para a realização dessa pesquisa, foram utilizadas, principalmente, obras de Jaccoud e Mayer (2008), no que se refere à observação direta; Goldenberg (2004), Gibbs (2009) e Lüdke e André (2018), no que tange a pesquisa qualitativa. Os resultados do trabalho estão na descrição dos métodos empregados pela equipe do projeto, seus achados, as pesquisas ocorrentes a partir do Acervo e as possibilidades que este espaço inaugura.

**Palavras-chave:** Acervos. Pesquisa Documental. Educação Profissional Tecnológica. IFSul.

---

1 Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeI). Professor do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins (UFT); discente do Curso de Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados no IFSul, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Duarte Leon. Integrante do Grupo de Pesquisa História Educação e Docência (GPHEDo). E-mail: [prof.alexandreborges@uft.edu.br](mailto:prof.alexandreborges@uft.edu.br)

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Curso de Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul) - Câmpus Pelotas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa História Educação e Docência (GPHEDo). E-mail: [adriana.adrileon@gmail.com](mailto:adriana.adrileon@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto o projeto intitulado “O Acervo Institucional como um espaço de preservação da memória da Educação Profissional e Tecnológica”<sup>3</sup>, compreendendo basicamente o que emerge da documentação<sup>4</sup> da qual o projeto se debruça, bem como as nuances desse processo de salvaguarda. O projeto em questão, além de analisar a documentação do IFSul a partir de seu acervo, tem como intento a higienização, organização e catalogação. Ainda, existe a pretensão de uma digitalização, em etapa futura, para a publicização de seu conteúdo, por meio de repositório digital. Por tanto, trate-se de um movimento multitarefa, exercido por uma equipe de historiadores além de pessoal da filosofia, educação e tecnologia da informação. Tal equipe integra o Grupo de Pesquisa História Educação e Docência (GPHEDo), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Duarte Leon e desenvolvendo estudos na área da História da Educação Profissional e Tecnológica.

Portanto, levando em consideração o escopo do objeto analisado, a presente pesquisa formula a seguinte problemática: **qual o impacto do projeto “O Acervo Institucional como um espaço de preservação da memória da Educação Profissional e Tecnológica” e seu processo de salvaguarda?** Acreditamos que essa pergunta resume outras indagações que movimentam esse trabalho, como: o que os documentos resgatados, higienizados, catalogados e digitalizados nos dizem? O que deles podemos compreender? Qual o impacto do processo de salvaguarda proposto pelo projeto? Na busca dessas respostas, buscamos como alicerce as seguintes áreas teóricas: História da Educação; História da Educação Profissional e Tecnológica; História e Memória; Patrimônio; e Pesquisa Documental (no seu caráter metodológico).

Como justificativa, acredita-se que o trabalho aqui proposto incute, na identidade do IFSul, a valorização de sua trajetória histórica, enquanto uma instituição pública, gratuita e de qualidade. A partir das memórias que os documentos

---

3 O projeto em questão foi submetido por edital em abril de 2021, é coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Duarte Leon, e tem como intento a análise da documentação institucional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSul), nas primeiras décadas do século XX.

<sup>4</sup> Como o público leitor verá no decorrer do trabalho, trata-se de livros com coletâneas de documentos produzidos pelo então IFSul, datados das décadas de 40 e 50 do século XX. Além desses, identificamos como documento as fotografias e quadros de formatura, do mesmo período.

armazenados no Acervo Institucional abarcam, imagens vão emergindo, do imaginário “recente” de uma instituição de historicidade complexa, que atravessa diferentes períodos e adota distintas nomenclaturas. Para Gilbert Durand (2012), o imaginário é composto por imagens presentes, passadas e futuras. Trata-se de perceber, neste caso, os documentos produzidos no passado, que corroboram para uma história do presente (e seu entendimento), comprometendo também a percepção dos sujeitos futuros em relação ao que foi, o que hoje é, e o que amanhã será a Educação Profissional Tecnológica, a partir do exemplo em voga, IFSul e sua documentação.

Para a comunidade acadêmica, tanto o projeto quanto o atual trabalho de conclusão de curso possibilitam uma oportunidade de reflexão ativa acerca da história institucional, um possível reconhecimento e pertencimento patrimonial, de acordo com os elementos salvaguardados (atas, relatórios, ofícios, correspondências, fotografias, quadros de formatura etc.). Acreditamos que a aderência de uma comunidade escolar, institucional também se dá no compartilhamento de seus valores, sua missão, mas também dos fatos históricos que pautam a imagem e a representatividade do IFSul, em específico, e da Educação Profissional Tecnológica, em geral. Inferimos que os documentos e os demais objetos de memória fomentam tal processo de aderência, no fortalecimento identitário institucional, no reconhecimento e na criticidade histórica dos sujeitos discentes, docentes, técnicos e demais funcionários do IFSul.

## **2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia que concerne a elaboração deste trabalho, aborda a própria pesquisa documental, somada à observação direta. Essas condutas metodológicas estão interligadas nesse trabalho e convergem com a abordagem qualitativa de investigação, já que tange um “esmiuçar” das diferentes formas de construção do mundo e as implicações disso na sociedade, assim como a percepção dos diferentes sujeitos acerca de um determinado fato Gibbs (2009). Resulta desses itinerários qualitativos de pesquisa uma apropriação mais definida, nítida, das imagens representativas de contextos específicos. A observação direta, com Jaccoud e Mayer (2008), advoga em favor de uma análise reflexiva, *in loco*, acerca dos fatos e contextos pesquisados. Advém da observação registros de campo como anotações e fotografias. Cabe ainda dizer que a metodologia de observação direta, nesse trabalho,

tem como modelo específico a “impregnação”, pois admite-se que os sujeitos pesquisadores deste trabalho fazem parte do universo pesquisado.

Essa consciência em relação ao papel do pesquisador, enquanto agente submerso no contexto de pesquisa reflete a seriedade em entender aspectos subjetivos no momento de análise. Por um bom tempo, isso foi um problema nas ciências sociais e humanas, pois havia a sombra da metodologia das ciências exatas pairando em nosso imaginário. Para Goldenberg, a possível “contaminação dos seus resultados” é um dos paradoxos que regem a pesquisa qualitativa, já que esta pressupõe a influência da personalidade e os valores do pesquisador.

O pesquisador interfere nas respostas do grupo ou indivíduo que pesquisa. A melhor maneira de controlar esta interferência é tendo consciência de como sua presença afeta o grupo e até que ponto este fato pode ser minimizado ou, inclusive, analisado como dado da pesquisa. (GOLDENBERG, 2004, p. 55)

Por “pesquisa qualitativa” podemos compreender uma gama de noções, muitas vezes diluídas em trabalhos advindos das Ciências Sociais e Humanas, bem como na esfera da Educação. Em muitos trabalhos, o termo “pesquisa qualitativa” apenas se insere como oposição à pesquisa quantitativa, ou seja, o termo designa que a pesquisa X não adota aspectos quantitativos na análise, tão pouco suas especificidades analíticas. Entretanto, essa conduta metodológica nos diz mais, e é mais complexa do que frequentemente apresentada.

Segundo Mirian Goldenberg (2004), os pesquisadores que optam por trabalhar com essa abordagem, não apenas são resistentes aos aspectos quantitativos da pesquisa dita “exata”, mas como também resistem à ideia de um modelo único de ciência para todo e qualquer objeto analisado. Trata-se aqui de uma resistência à exatidão perseguida pelo viés comteano, em que sujeitos humanos complexos eram traduzidos por células mais ou menos formatadas para agir de forma esperada na sociedade, com um padrão que não poderia ser corruptível. Portanto, os pesquisadores em “ciências sociais”, de acordo com Goldenberg, reclamam de uma metodologia própria, que dê conta das especificidades dos fenômenos sociais e humanos, então, na opção pelo viés qualitativo.

Em Durand (1988), temos o termo “hermenêutica instauradora”, na defesa de uma tipologia de pesquisa em que os métodos e seus resultados agreguem novas

perspectivas analíticas, das quais não se excluem novas possibilidades de análise – ao avesso das “hermenêuticas redutoras”, das quais se esperam respostas unívocas e consonantes com teorias hegemônicas. Essa explicação durandiana não deixa de convergir com as características da pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa, no contexto de trabalho aqui apresentada, traduz o ensejo de um grupo de discentes e docentes que buscam esmiuçar, com a maior retidão acadêmica possível, os documentos encontrados, revelando as intimações sociais, econômicas, políticas e/ou culturais que atravessam os documentos e fatos históricos. Eis as “emersões” almejadas de nossa problemática, as intimações do meio, de um tempo e espaço definido (primeira metade do século XX) na documentação produzida pela instituição, observada a partir das ações que compõem o projeto.

No que tange a pesquisa documental, o trabalho em questão debruça-se nos achados do projeto que mapeia, higieniza e cataloga um nicho de documentos do IFSul, da primeira metade do século XX - o qual já está sendo, em parte, digitalizado. Trata-se de um sobrevoo acerca do material descoberto e uma tentativa prévia de mencionar os tipos de documentos e os atuais resultados da pesquisa. Na intenção de elucidar os passos da pesquisa, retomamos os objetivos perseguidos: o objetivo geral foi investigar o impacto do processo de salvaguarda do projeto “O Acervo Institucional como um espaço de preservação da memória da Educação Profissional e Tecnológica”; já os objetivos específicos foram a) explicitar a metodologia empregada pelo projeto, seu escopo teórico, pessoal e atividades; b) identificar o que emerge da documentação da qual o projeto se fundamenta.

No ensejo de contemplar o primeiro objetivo específico, lançamos mão da observação direta (modelo de impregnação), dada a inserção do pesquisador no ambiente pesquisa, como dito. As anotações, as notas de reunião, o registo fotográfico do desenvolvimento do trabalho, desde o encontro com a documentação no acervo, até sua digitalização, são meios para que se explicita a metodologia empregada pelo projeto. Essa explanação corrobora com o preparo de outros grupos que almejem o trabalho em acervos, com a memória e a história institucional e com a pesquisa documental. Ainda, esse trabalho de conclusão de curso, em caráter de artigo, objetiva a divulgação dessa empreitada acadêmica, do trabalho de um grupo de pesquisa, o GPHEDo e, especificamente, as ações do projeto em questão, contemplado com o apoio do IFSUL e financiamento do Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) – à guisa de uma devolutiva social.

A possível contemplação do segundo objetivo específico se dá, principalmente, com a pesquisa documental, já que tem por intuito identificar o que emerge do material analisado. Para Philips (1974, p. 187) “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” podem ser considerados “documentos”. Nesse sentido, os documentos do acervo, os quais são reunidos em livros, conotam não apenas o comportamento de uma época e de um contexto específico, como também anunciam pormenores acerca das diretrizes políticas que regiram a instituição, as nuances econômicas, a cultura pelotense e brasileira, os preconceitos “institucionalizados” etc.

Para Lüdke e André (2018), a análise documental em Educação era pouco explorada. Talvez, nesses últimos anos essa tendência teórico-metodológica tenha se desenvolvido um pouco mais. Na verdade, acreditamos que de certa maneira há uma tradição, pelo menos na História da Educação, no que tange o trato documental, como na investigação das políticas e diretrizes documentais que partem e repercutem o âmbito educacional. De qualquer forma, as autoras afirmam que esse tipo de análise pode resultar numa metodologia exitosa para a abordagem qualitativa dos dados, seja na descoberta de novas demandas de pesquisa, seja na complementação do estudo de algum tema. Lüdke e André ainda chamam a atenção para o fato de que

os documentos constituem uma fonte estável e rica. Persistindo ao longo do tempo, os documentos podem ser consultados várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos. (Ibid., p. 45)

Nessa esteira, pressupomos que o projeto de pesquisa no acervo predispõe de uma gama de possibilidades de trabalho, a partir dos mais diversos olhares, apoiados nas mais diversas correntes teóricas e metodológicas de análise. Assim como este artigo, acerca do impacto do processo de salvaguarda que as ações do projeto proporcionam, outras pesquisas estão surgindo no âmbito do GPHEDo e logo, assim que os documentos forem devidamente disponibilizados, outras pesquisas surgirão. A pesquisa documental, portanto, é democrática, instauradora, pois mesmo que os fatos

sejam inegáveis na História, os olhares e a complexidade de análise para com eles podem aprofundar os dados e deles extrair novas informações e perspectivas.

Lüdke e André (2018) recorrem à Holsti, para elencar três situações básicas em que a metodologia de análise documental é apropriada. Vejamos!

1. Quando o acesso aos dados é problemático, seja porque o pesquisador tem limitações de tempo ou de deslocamento, seja porque o sujeito da investigação não está mais vivo, seja porque é conveniente utilizar uma técnica não obstrutiva, isto é, que não cause alterações no ambiente ou nos sujeitos estudados.
2. Quando se pretende ratificar e validar informações obtidas por outras técnicas de coleta, como, por exemplo, a entrevista, o questionário ou a observação. Segundo Holsti (1969), "quando duas ou mais abordagens do mesmo problema produzem resultados similares, nossa confiança em que os resultados refletem mais o fenômeno em que estamos interessados do que os métodos que usamos aumenta" (p. 17).
3. Quando o interesse do pesquisador é estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos, ou seja, quando a linguagem dos sujeitos é crucial para a investigação. Nesta situação incluem-se todas as formas de produção do sujeito em forma escrita, como redações, dissertações, testes projetivos, diários pessoais, cartas etc. (Ibid., p. 46)

Em relação à situação 1, podemos dizer que ela faz parte enquanto realidade, tanto do intento dessa proposição, quanto do projeto proposto por Leon. No que diz respeito ao acesso especificamente, houve a necessidade de "garimpo" em um local de armazenamento pouco organizado. Nesse mapeamento dos livros documentais produzidos no período de interesse, optou-se pela locomoção deles para uma sala própria, onde seriam realizadas as demais atividades do projeto. Portanto, compartilha-se aqui de um mesmo momento. No que tange à autorização por parte da instituição, não se teve nenhum impedimento, apenas certas diretrizes no que toca o número de investigadores que poderiam ter acesso ao Acervo. Lembremos que o projeto, que iniciara em abril de 2021, começa em tempo pandêmico<sup>5</sup>, no qual ainda vivenciamos.

Referente à situação 2, essa restringe-se à técnica de feitura desse artigo, já que se soma à pesquisa documental a observação direta (modelo de impregnação). Assim, ratifica-se os achados a partir de uma narrativa descritiva sobre o manuseio e

---

5 Trata-se do período em que o Coronavírus, SARS-CoV-2, se espalhou pelo mundo em caráter de pandemia, tendo sua origem em Wuhan, na China, em 2019. Atualmente, o Brasil ainda sofre as consequências do vírus, com uma média de 157 mortes por dia (25/08/22). Dados extraídos do Repositório de dados COVID-19 do Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas (CSSE) da Universidade Johns Hopkins. Disponível em <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19>

as técnicas de que se vale a equipe do projeto do Acervo. O uso de duas ou mais metodologias corrobora com uma triangulação dos dados. Neste caso, se objetivo o entendimento qualitativo das proposições de salvaguarda e, como dito, os possíveis impactos desse processo.

A situação 3 está presente em ambos os casos, na intenção desse trabalho e na própria constituição do projeto de maneira geral, já que é devido à documentação histórica que as diferentes representatividades dos sujeitos que compuseram a instituição podem ser analisadas. Para além do que se expressa radicalmente no material datilografado (como veremos), está o discurso, as imagens, o simbólico, o memorialístico, ou seja, um imaginário com características próprias que deve ser dimensionado, observado, indagado. A diversidade de fontes que a situação 3 prevê é inevitável, também, no repertório documental analisado, a lembrar: documentos como ofícios, quadro de férias, discriminação de doações, organização de viagens, correspondências; fotografias; quadros de formatura; placas comemorativas etc.

Uma das críticas para quem trabalha com a pesquisa documental está na escolha “arbitrária”, advinda dos autores, tanto dos documentos quanto das temáticas analíticas. No presente caso, reivindicamos pela desassociação deste reclame, já que não houve um direcionamento prévio de quais fontes seriam analisadas. Pelo contrário, o projeto no Acervo trabalha com os mais diversos dispositivos de memória, pensando também em uma futura lida com roupas, objetos, máquinas etc. Entretanto, o artigo, em específico, opta pela documentação já digitalizadas, fotografias e quadros de formatura – dado o contato do autor com esse tipo de fonte no momento em que trabalhou no projeto<sup>6</sup>.

Agora, retomemos aqui a observação direta, *sine qua non* para o desenrolar da análise central dessa pesquisa, investigar o impacto do processo de salvaguarda do projeto “O Acervo Institucional como um espaço de preservação da memória da Educação Profissional e Tecnológica”, na observância de seu processo de desenvolvimento e técnicas. Segundo Jaccoud e Mayer (2008), observar fenômenos constitui o núcleo de todo e qualquer procedimento científico, qualquer que seja sua

---

<sup>6</sup> A participação do autor no projeto em questão teve o financiamento da FAPERGS, com a concessão de bolsa.



natureza. A observação direta fora muito utilizada na França rural, sobretudo com a influência de Le Play, o qual inicia uma metodologia sociológica a partir de técnicas monográficas. O pós-guerra também foi espaço-tempo para a aplicação do método. A questão é que, da observação “do outro”, parte uma atitude reflexiva, comprometida com o diálogo entre fontes e até mesmo com os personagens que fazem parte da análise, no presente, semelhantes. Jaccoud e Mayer (2008) apresentam três modelos de observação direta: modelo da passividade ou da retração, modelo de impregnação e modelo da interação. Nos preocupamos com o segundo modelo, o qual considera o seguinte:

No modelo da impregnação, o saber é o produto da integração e da participação do pesquisador no meio estudado. A observação se caracteriza pela inserção do observador no grupo estudado, segundo um procedimento de compreensão do real (tradição do *verstehen* e do interacionismo simbólico), e é a participação ou o envolvimento do pesquisador que permite chegar à compreensão da realidade pesquisada. (Ibid., p. 262).

A grande diferença entre os demais modelos é que o primeiro, na passividade, compreende que a tarefa do observador será descritiva, sem uma mínima intervenção. O terceiro modelo, na interação, o observador não apenas participa do contexto de pesquisa, mas também se auto-observa, inferindo sobre seus sentimentos – não há polarização entre pesquisador e objeto. Por isso reiteramos o modelo de impregnação, o qual dá conta e incentiva a integração para uma melhor observância.

Ainda para os autores supracitados (Ibidem), existem princípios metodológicos para uma prática de observação, as quais contemplam os seguintes passos:

- a) A seleção do local de observação e o acesso aos dados;
- b) Os informantes-chaves;
- c) A produção e a análise dos dados.

O primeiro princípio metodológico diz respeito ao campo e contexto da coleta dos dados. Nesse caso, o espaço tanto é meio para a coleta quanto meio a ser investigado. Não se trata do Arquivo Institucional do IFSul, mas da sala reservado ao trato da documentação, local de reunião do grupo de pesquisa e também de trabalho técnico. Para uma minúcia da descrição do espaço, Jaccoud e Mayer (2008, p. 267-268) elencam cinco questões que podem ser modificadas de acordo com as particularidades das pesquisas em observação, mas que seguem a seguinte lógica:

- 1) Onde nós estamos? É a descrição do local (descrição do lugar, dos objetos, do ambiente);
- 2) Quem são os participantes? É a descrição dos participantes (seu nome, sua função, suas características, etc.);
- 3) Por que os participantes estão aí? É a descrição das finalidades e dos objetivos (as razões formais ou oficiais de sua presença nesse local, os outros motivos, etc.);
- 4) O que se passa? É a descrição da ação (os gestos, os discursos, as interações, etc.);
- 5) O que se repete e desde quando? É a descrição da duração e da frequência (história do grupo, frequência da ação, etc.)

Almejamos responder a esses questionamentos no quarto item desse artigo, no desenvolvimento intitulado *O que emerge do projeto? Considerações sobre sua metodologia e seus resultados*, com o decorrer da análise.

No que concerne os informantes-chaves, trata-se de uma nomenclatura específica para tratar dos sujeitos pesquisados, os quais geralmente deverão ter uma maior autonomia de resposta e de descrição dos fatos analisados.

A credibilidade que o pesquisador confere ao(s) seu(s) informante(s) mostra que é delicado estabelecer critérios universais de qualidade de um bom informante. Para alguns, um bom informante se caracteriza por sua espontaneidade, sua disponibilidade (DESLAURIERS, 1991: 39), sua produtividade ("suas informações são múltiplas e se referem aos aspectos variados do problema pesquisado"), sua objetividade (ele distingue muito bem os fatos, das interpretações desses mesmos fatos") e o refinamento de suas análises (TREMBLAY, 1968: 349). Rabinow (1977) avalia que a qualidade do informante se mede por sua capacidade imaginativa de objetivar os elementos de sua própria cultura e de compartilhá-la com um estrangeiro. (JACCOUD; MAYER, 2008, p. 272)

Na presente pesquisa esses sujeitos informantes são os próprios integrantes do grupo de pesquisa, porém sem uma interação predefinida por entrevista e/ou coleta de narrativa, mas sim pela troca e compartilhamento de informação nas reuniões semanais desenvolvidas pelo GPHEDo e pelos momentos de trabalho na sala reservada ao trato documental. Essa metodologia é possível dado o modelo de impregnação da observação direta que admite as vivências enquanto pauta, as quais são transformadas em experiência após refletidas. Os próprios autores, portanto, são informantes-chave de um universo simbólico presente nas práticas de pesquisa do grupo e do projeto.

Por último, cabe a “produção e a análise dos dados”, que é muito debatida entre os intelectuais que se debruçam na teoria e na metodologia, tanto em História quanto na Educação (áreas de onde parte esse trabalho). Autores, dos mais diversos, proclamam ser indivisível a “coleta” e a “análise”. Entretanto, podemos diferir a coleta da análise ao passo que para a segunda, a primeira é indispensável. Partimos da coleta, da observação do espaço, para então descrever as ações do projeto em minúcia; o que emerge dos documentos; e, por fim, o impacto do processo de salvaguarda, proposto pelo projeto. Essa descrição está atrelada ao conjunto teórico que fundamenta esta investigação.

### **3. Educação Profissional Técnica, a História e a Memória: discussões teóricas**

Cabe iniciarmos a fundamentação teórica dessa pesquisa a partir dos escritos do próprio grupo de pesquisa, trabalhos que assimilaram importantes fundamentos acerca da Educação Profissional e Tecnológica no Rio Grande do Sul e que já servem como referência para inúmeras outras pesquisas, dada sua tradição. Além de artigos e dissertações, citaremos aqui obras já conhecidas em História, que versam sobre a importância da memória e do documento.

No artigo intitulado *Os “pobres e desvalidos da sorte” e a educação profissional*, as autoras Adriana Roschild e Adriana Leon (2021) traçam um relevante panorama do contexto de profissionalização da educação a partir das demandas sociais e dos interesses políticos que imperavam entre 1890 e 1930, no Rio Grande do Sul. Trata-se do crescente interesse de instruir o mundo do trabalho, na formação específica do trabalhador. Essa meta se caracteriza com um direcionamento dado à educação dos mais pobres, filhos dos operários. Porém, antes mesmo da profissionalização desses indivíduos, havia a necessidade de que os mesmos soubessem ler e escrever, assim como contar. Além dessa demanda, Roschild e Leon (2021) explicitam outras incumbências dessa formação, no esclarecimento do termo “pobres e desvalidos da sorte”:

o uso da denominação de “pobres e desvalidos da sorte” refere-se as crianças que sofreram um processo de abandono e exclusão social. De acordo com Caldeira (2020), as instituições voltadas para os órfãos e “desvalidos da sorte” foram criadas em várias regiões do Brasil, como na cidade de Pelotas, a qual dispunha a roda dos expostos, patronato e asilos, certificando que o município

pelotense possuía a infância desvalida, sendo necessário iniciativas voltadas para o amparo, acolhimento e educação de tais menores. (Ibid., p. 10)

O que hoje talvez espante, porém fazia parte da realidade histórica e do espírito de época, é que esse amparo dos desvalidos, por parte da elite pelotense, se deu em parte pelo anseio de “higienização” das ruas, no desejo dos habitantes aristocráticos em andar por uma cidade “moderna” e “limpa”, sem o infortúnio e a impertinência de relações com crianças e adolescentes pobres, em caráter de mendicância. Por outro lado, podemos inferir que as ações em prol de uma profissionalização da educação, nesses parâmetros, também ocorrem dada a necessidade de mão-de-obra especializada, porém no que concerne ofícios “menos nobres”. O povo seria instruído para melhor oferecer os serviços que a cidade e seus “donos” necessitavam. E, de que quebra, os jovens ainda seriam “moralizados”.

Nesse quadro, tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul, como na cidade de Pelotas, em meados do século XX, o trabalho de crianças caracterizava-se como algo normal. Conforme dados do Censo de 1920, 1214 pessoas trabalhavam na indústria pelotense e possuíam menos de 20 anos, sendo 730 homens e 484 mulheres. Já nos transportes havia 218 meninos e somente 20 meninas. (Ibid., p. 11)

Como se pode notar, o trabalho exercido por menores era comum nas primeiras décadas do século XX. A oferta de uma educação profissional vem qualificar tais serviços. E nesse contexto começa uma “institucionalização” que normatiza a formação pelo cunho técnico em diferentes áreas, atrelando a ela todo o conhecimento de matérias comuns ao ensino, até mesmo a História e a Geografia.

O termo “educação técnico profissional” tem sua origem na historiografia gaúcha justamente na década de 1930, quando Pelotas/RS cria a Escola Técnico Profissional, a partir da então já conhecida Escola de Artes e Ofícios. Funciona de 1930 à 1940 de forma ininterrupta, com a oferta de cursos específicos. Após, o espaço toma nova nomenclatura, Instituto Técnico Profissional (LEON et al., 2022). É nesse contexto em que se projeta uma identidade original, do que hoje chamamos Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSul).

A extinção do Instituto Técnico se deu em 25 de maio de 1940, ocasião na qual houve a demolição do prédio para a então edificação da Escola Técnica de Pelotas, a qual é criada por decreto, em 1942, pelo presidente vigente, Getúlio Vargas, com a participação de Gustavo Capanema, que era ministro da Educação. Em 1943 o

Getúlio Vargas vem à Pelotas para inaugura-la. As atividades letivas começam em 1945, no desenvolvimento dos cursos rápidos, considerados “ciclos do ensino industrial”, a saber:

Neste primeiro ciclo do ensino industrial, os cursos estabelecidos foram de Forja, Serralheria, Fundição, Mecânica de Automóveis, Máquinas e Instalações Elétricas, Aparelhos Elétricos, Telecomunicações, Carpintaria, Artes do Couro, Marcenaria, Alfaiataria, Tipografia e Encadernação.

A partir de 1953, foi oferecido o segundo ciclo da educação profissional, quando foi criado o primeiro curso técnico - Construção de Máquinas e Motores.<sup>7</sup>

Já no último ano da década de 1950 a Escola Técnica Profissional toma o caráter de autarquia Federal. Em decorrência disso altera-se, novamente, sua nomenclatura para Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL), até hoje presente no imaginário dos “anfitriões” dessa instituição, ou seja, docentes, discentes, pessoal técnico e demais funcionários mais antigos do IFSul. E é justamente dessas primeiras décadas do século XX que o projeto “O Acervo Institucional como um espaço de preservação da memória da Educação Profissional e Tecnológica” se encarrega.

Mas como percebemos, teoricamente, os documentos? Le Goff (2003) nos dá as bases necessárias para compreender os documentos enquanto “testemunhos de realidades vividas”. Tais testemunhos trazem a imagem social, que se estampa no imaginário de homens e mulheres desde o período antigo, d’onde parte escritos importantes na constituição de uma ciência histórica. Nesse compasso, tanto os arquivos quanto as bibliotecas são vistas como guardiãs da manifestação cultural humana e suas particularidades, que com o advento da escrita pelos sumérios, há cerca de 3.500 a.C., possibilitou o registro das finanças, das oferendas recebidas e logo de todo o ordenamento jurídico e social das civilizações. Portanto, “Os documentos são fatos históricos, servindo de testemunho escrito para os historiadores constituírem leituras e leitura de um passado possível” (LEON et al., 2022, p. 112).

As fontes documentais trazem a sina por si de trazerem a marca de um tempo-espaço, dada suas características que, para o historiador, são como os elementos de um DNA. Trata-se de um anúncio mais ou menos definido, seja pelo suporte em que a fonte é produzida, seja pela linguagem e vocabulário empregado. Entretanto, mais

---

7 Disponível em <http://www.ifsul.edu.br/historico> Acessado em 14/08/2022.

que isso, o documento ativa memórias. Eis outro conceito importante para Le Goff (2003), pois é no uso da escrita, bem como nos demais registros, que o sujeito humano obtém a permanência memorialística. O desejo de conservação da História, por meio de narrativas particulares, faz com que se retenha uma memória coletiva dos contextos culturais e da existência humana. Embora esse registro seja considerado frágil, ainda preservamos as mais longínquas fontes, numa linha do tempo que alcança a antiguidade e, até mesmo antes, a pré-história, com as demais expressões pictóricas que, de certa forma, imprimem pela representação uma realidade de nossos antepassados.

Além de registrar e acumular documentos, é necessária sua adequada conservação. A conservação documental pressupõe uma série de técnicas, aperfeiçoada através das eras, que possibilita aos curiosos e profissionais da História o acesso a um repertório que demanda, por sua vez, uma metodologia própria de pesquisa. Daí então torna-se viável um reconhecimento patrimonialístico e histórico, até mesmo identitário, que dinamiza sentimentos como pertencimento e valorização dos bens culturais. O(a) historiador(a) interroga o documento, a partir de uma subjetividade guiada pela formação acadêmica, pela técnica, pelo método. As indagações, os anseios do pesquisador que se coloca em frente ao documento partem do presente, pelas intimações do meio social e pela formação do autor que, segundo Candau (2014), (re)constrói as memórias dos arquivos. Tais arquivos, quando disponíveis à pesquisa, requerem uma “operação simples”, movimentos táteis, em que o contato prévio (a exploração) é entendido como um primeiro passo, que antecede as demais etapas que, segundo Arlette Farge (2009), são lentas. Essa lentidão, “com as mãos”, fomenta a criatividade de pesquisadores(ras).

O trabalho do(a) historiador(a), pressupõe método, técnica e base teórica que torna esse movimento, entre o sujeito e o passado – as ações humanas no tempo, como diria Marc Bloch (2002) – uma ciência. Essa ciência, no trabalho no/com o arquivo, também se dimensiona por meio das “operações simples”, como menciona Farge, ou seja, a partir do empírico e do sensorial. Para Dóris Almeida,

Este é um trabalho de artesanaria, que se coloca na contramão dos processos de informatização que avançam também nas práticas arquivísticas. Assim, acredito que os velhos papéis não interessam apenas pelas informações que contém, poder manuseá-los é uma importante experiência sensorial para aquele que se dedica à pesquisa. (2021, p. 14).

Cabe dizer que não são raros os casos de acervos que se constituem a partir de medidas muito particulares, pelo desejo da “guarda” da memória, por saudosismo ou reconhecimento do valor arquivístico e histórico de documentação pertinente para uma ou mais áreas. Pessoas que trabalham como guardiões, não por profissão, mas sim por amor às instituições que trabalham e/ou pelo afeto aos objetos que salvaguardam.

#### **4. O que emerge do projeto? Considerações sobre sua metodologia e seus resultados**

Na tentativa de convergir o desenvolvimento deste trabalho com os objetivos específicos, para elucidar os passos da pesquisa. Começamos a perseguir o primeiro objetivo específico, a lembrar, a) Explicitar a metodologia empregada pelo projeto, seu escopo teórico, pessoal e atividades. Vale dizer que seu escopo teórico se repete na discussão da teoria supracitada. Analisemos, então, a metodologia, assim como a descrição de suas atividades e do pessoal envolvido. Para tanto, sigamos as perguntas sugeridas pela Observação Direta (modelo de impregnação).

##### 1) Onde nós estamos?

O projeto “O Acervo Institucional como um espaço de preservação da memória da Educação Profissional e Tecnológica” começou suas atividades em abril de 2021 nas instalações do IFSul, Campus Pelotas. Mais precisamente, foi cedida uma sala no segundo piso do Departamento de Gestão de Pessoas, onde também funciona a CPPD (Comissão Permanente de Pessoal Docente). O uso da sala se dá em três dos seus quatro ambientes. No ambiente maior ocorre a higienização da documentação, servindo-se de duas mesas auxiliares e cadeiras, assim como computador e armários. Nesse espaço também se realizam as reuniões presenciais do grupo, concomitante ao encontro virtual (para aqueles que não estão no Campus). Em um segundo ambiente, menor, se encontram os aparatos tecnológicos para a digitalização dos documentos. Em um terceiro ambiente, ainda menor, ficam os quadros de formatura e as caixas de isopor que contém as fotografias do acervo. Essa última sala, dada a grande incidência de iluminação, sofreu interferência nas aberturas, as quais foram cobertas com papel pardo para evitar que os raios de sol atingissem o material,

aquecendo menos o ambiente, evitando assim que se acelerasse a deterioração dos materiais.

Dada as especificidades do período pandêmico, houve a necessidade de diminuir o fluxo de pessoal nas repartições do IFSul. Logo, elencou-se um número restrito de pesquisadores no interior da sala. Dividiu-se, então, o grupo de pesquisa em duas equipes, que revezavam o trabalho nas terças e nas sextas-feiras.

**Figura 1** – Visita exploratória no Acervo Geral



**Fonte:** arquivo do projeto.

Entretanto, cabe lembrar que os documentos organizados em livros não estavam alocados ali originalmente, mas sim no Acervo Central (AC) da instituição. E foi nesse acervo onde partirão as primeiras moções do grupo, com uma visita exploratória e de identificação prévia do material. A primeira visitação ocorreu com a servidora Lígia Nara Lopes Maciel Gonçalves, que de certa forma, como já mencionado, pode ser considerada a guardiã de boa parte da memória institucional, tanto pela sua trajetória na instituição quanto pelo papel que desempenhou na guarda e preservação de objetos, fotografias e documentos. Outras incursões no AC foram feitas, na procura de mais livros das décadas de interesse (1930, 1940 e 1950). Dada a formatação do AC, encontramos certa dificuldade em encontrar os documentos, por isso a necessária retomada exploratória.

## 2. Quem são os participantes?

O projeto, originalmente, conta com os seguintes nomes em sua composição: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Duarte Leon, a qual coordena não apenas o projeto como o grupo de pesquisa, já mencionados; Alexandre da Silva Borges, que no momento da pesquisa foi contemplado com a bolsa FAPERGS, historiador, doutor em Educação



pela UFPel e discente do curso de Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados (IFSul); Rovena Ramos Lima, filósofa, discente da Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados (IFSul) e bolsista no projeto pelo CNPq; Tobias de Medeiros Rodrigues, doutorando em Educação e Tecnologia pelo IFSul e integrante do projeto decorrente de sua formação em Informática – responsável pela criação do futuro repositório que abarcará a documentação digitalizada; Adriana Barbosa Roschild, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação do IFSul, tendo como formação inicial a Geografia; Emerson Ricardo Esteves da Fonseca, Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia pelo IFSul, possui graduação na História e na Filosofia; Jéferson Schneider Léque, historiador e Mestre em Educação e Tecnologia (IFSul); Lucas de Almeida Soares, mestrando em Educação pelo IFSul, licenciado em Letras/Libras e Ciências Sociais; Karina Marques Gomes, historiadora que contribuiu nos primeiros momentos do projeto; e Natália Garcia Pinto, historiadora voluntária no projeto, pesquisadora que desenvolve seu trabalho pós-doutoral a partir do acervo.

Como visto, a equipe do projeto é diversa, mas concentra sua formação na área da História e/ou na área da Educação, o que converge as análises e discussões tecidas pelo grupo, assim como as produções a partir da História da Educação, História da Educação Profissional e Tecnológica e a Pesquisa Documental, principalmente.

3. Por que os participantes estão aí? 4. O que se passa? 5. O que se repete e desde quando?<sup>8</sup>

Mesmo que cada participante tenha uma especialidade em sua formação que difere, de algum modo, dos seus colegas, o trabalho no projeto é dividido de maneira em que todos passem pelas mesmas atividades, desde a higienização até a digitalização e catalogação do material. Essa organização do pessoal reverbera em uma produção acadêmica mais consciente, no pertencimento de todo o processo. Além da primeira etapa, vista na contemplação da primeira pergunta (referente ao espaço e a visita exploratória), temos um segundo momento.

---

<sup>8</sup> As perguntas estão aglutinadas, por pensarmos que a contemplação das mesmas ocorrem num mesmo movimento metodológico.

O passo seguinte foi a locomoção dos arquivos (livros) selecionados para a sala cedida ao projeto. Desde o primeiro instante foram usadas luvas e máscaras, Equipamentos de Proteção Individuais (EPI) necessários para o trabalho executado. Tendo como ponte de corte temporal o ano de 1959, foram encontrados 58 livros em sua totalidade, contendo os mais variados documentos e tipologias. Já realocadas na sala de trabalho, começamos a organizar os livros em ordem crescente e, logo, iniciando a tão esperada higienização. Por demandarem uma limpeza rigorosa, identificamos um armazenamento original deficitário, já que nos livros continha sujeira: pó, provavelmente ácaros e impurezas que danificam, ao longo do tempo, o papel, assim como grampos e, decorrente disso, ferrugem.

**Figura 2** – Transporte e realocação dos livros.



**Fonte:** arquivo do projeto.

A sala principal do espaço cedido era muito bem ventilada, com duas amplas janelas que eram abertas. Ali, nas duas mesas cobertas com TNT branco a higienização ocorria, com o uso dos EPI's já citados (luvas e máscara), assim como pincéis de diferentes tamanhos, escovas e flanelas. As capas dos livros eram revestidas por tecido. Nelas eram passadas escovas (com cerdas mais espessas) no objetivo de retirar o pó e a sujeira. O movimento de limpeza ocorria, sempre, do pesquisador para a frente. Os resíduos ficavam grudados no TNT, e logo eliminados. Nas páginas dos livros eram utilizados os pincéis, do maior ao menor, de acordo com os detalhes e brechas da brochura, que era costurada. Os grampos eram retirados e as folhas amassadas ou com dobras equivocadas eram corrigidas. A higienização ocorria na totalidade da obra e logo passava-se ao número seguinte. Nesse interim

cuidava-se para não levar a mão aos olhos e/ou boca. Após a conclusão do trabalho retirava-se as luvas descartáveis. Retomando Farge (2009, p. 59), “o contato do arquivo começa por operações simples, entre outras o encargo manual do material”.

**Figura 3 – Momento de Higienização**



**Fonte:** arquivo do projeto.

**Figura 4 – Resíduos pós higienização.**



**Fonte:** arquivo do projeto.

A próxima ação do pessoal empenhado no projeto, após higienização, foi a guarda do material limpo, organizado de forma crescente (levando em consideração os respectivos anos dos livros que reuniam a documentação) em armários na sala de digitalização, facilitando o manuseio. Hoje, adianta-se a digitalização, com a escolha das 50 primeiras páginas de cada livro elencado (frente e verso, totalizando por volta de 100 páginas, mais capas e contracapas) – no entanto, cabe lembrar que este será um processo a decorrer em fase seguinte, em que também se pretende a divulgação do material a partir da criação de repositório, o que demanda uma investida institucional. Para a digitalização conta-se com uma mesa própria, cedida pela Coordenadoria de Design, com uso de um *Ring Light* para celular, que era fixado à

mesa de digitalização, ligado à luz para iluminar o documento, ao mesmo tempo em que prendia os celulares para o registro fotográfico. Um controle disparador, interligado ao celular via *bluetooth*, é outro recurso tecnológico utilizado, para não haver distorção ao toque da tela, obtendo então maior nitidez da imagem e velocidade no processo. Como visto, as tecnologias necessárias para a digitalização são simples e de baixo ou nenhum custo, o que possibilita uma metodologia viável, reproduzível em outras instituições e espaços de pesquisa.

**Figura 5** – Digitalização dos documentos.



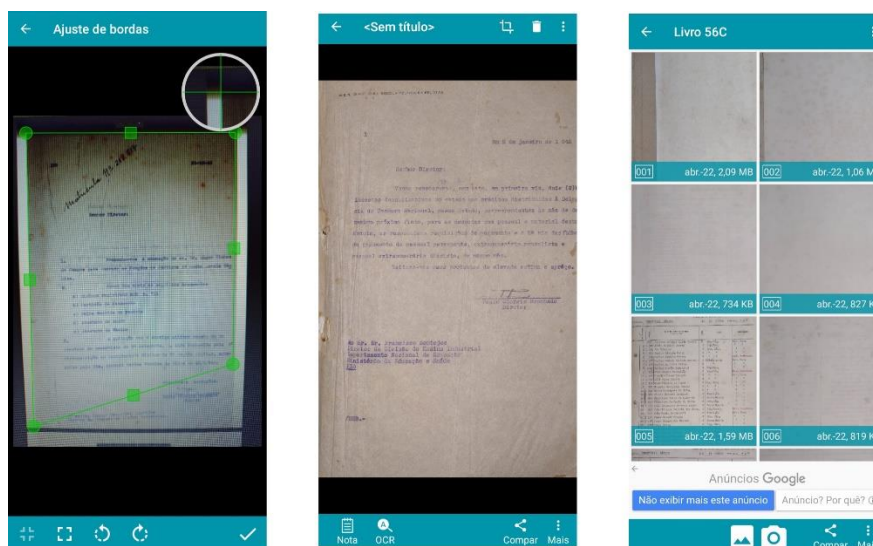
**Fonte:** acervo do projeto.

O registro fotográfico ocorria para as cinquenta (50) primeiras páginas (frente e verso), além das capas e sobrecapas. As imagens, posteriormente, eram tratadas (cortes necessários nas sobras de arestas) e convertidas no formato PDF, *Portable Document Format* (Formato Portátil de Documento). Como programa para a edição de imagem e conversão da mesma utiliza-se o *Notebloc*, podendo ser aberto nos celulares dos pesquisadores, para que o trabalho decorra de maneira fruída e dinâmica. Após a conversão das imagens em um único bloco e arquivo PDF, o mesmo é enviado para o *Drive* do Google, em que é revisto pelo Tobias, o qual assessora todo esse procedimento<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Tobias também ofereceu uma pequena formação, necessária para o procedimento de digitalização e dição de imagem.

**Figura 6** – Edição no programa *Notebloc*.



**Fonte:** acervo do projeto.

Visto a metodologia empregada pelo projeto, pessoal e atividades, passamos ao segundo objetivo específico desse trabalho, a lembrar: b) Identificar o que emerge da documentação da qual o projeto se fundamenta.

Em termos documentais, podemos dizer que o que emerge da pesquisa do acervo, atualmente, são fontes relevantes para estudos históricos que compreendam a primeira metade do século XX, com o marco da política varguista, passando pela federalização da Escola Técnica, chegando aos anos finais da década de 1950. Mais especificamente, o levantamento das fontes do acervo – executado pela equipe do projeto – contou com os seguintes resultados: **a)** foram catalogados 58 livros entre os anos de 1941 e 1959 – tendo os seguintes números: um exemplar de 1941-1943; um exemplar de 1944; um exemplar de 1945; um exemplar de 1947; seis exemplares de 1948; seis exemplares de 1949; seis exemplares de 1950; seis exemplares de 1951; quatro exemplares de 1952; três exemplares de 1953; três exemplares de 1954; quatro exemplares de 1955; um exemplar de 1955-1957; cinco exemplares de 1956; três exemplares de 1957; quatro exemplares de 1958; e três exemplares de 1959; **b)** foram catalogados 4 álbuns de fotografias – tendo os seguintes números: nove álbuns de 1930, com 22 fotos; nove álbuns de 1940, com 17 fotos; 36 álbuns de 1950, com 74 fotos; e treze álbuns de 1930-1950, com 28 fotos; **c)** foram catalogados sete quadros de formatura, de 1948 à 1953 (Formandos Curso Industrial Básico) e 1956 (Curso de Construção de Máquinas e Motores); **d)** os livros dispostos no item “a”

compreendem a seguinte categorização prévia: boletins, memorandos recebidos/expedidos, movimento de crédito e livro de assentamento de vestibular – cabem nesses documentos listas de excursão, descrição de doações, convites para cerimoniais, informes sobre afastamento por motivos de doença etc.

**Figura 7** – Quadro de formatura de 1952.



**Fonte:** acervo do projeto.

No que tange os resultados de pesquisa dessa primeira etapa do projeto, podemos citar os trabalhos publicados e a apresentação da pesquisa em eventos, como: LEON, A. D.; RODRIGUES, T. M.; BORGES, A. S.; LIMA, R. R. O Acervo Institucional Como um Espaço de Preservação da Memória da Educação Profissional e Tecnológica. 2021. (Apresentação de Trabalho/Outra); LEON, A. D.; RODRIGUES, T. M.; BORGES, A. S.; LIMA, R. R. A Preservação da Memória e o Desafio dos Acervos Institucionais. In: Daniel S. S. Braga. (Org.). Reflexões e Inovações Nacionais no Século XXI em Ciências Humanas e Sociais. 1ed.: Instituto Scientia, 2022, v. 1, p. 1-580 (publicação de capítulo); e LEON, A. D.; RODRIGUES, T. M.; BORGES, A. S.; LIMA, R. R. O Acervo Institucional como um espaço de preservação da Memória da

Educação Profissional e Tecnológica. In: VII Encontro Humanístico Multidisciplinar e VI Congresso Latino Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, 2021, Jaguarão. Anais: VII Encontro Humanístico Multidisciplinar e VI Congresso Latino Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, 2021. v. 1. p. 1-9. (publicação de artigo em anais de evento). Também é pertinente ressaltar a continuidade e as novidades no âmbito da produção científica, a partir do acervo, como os estudos de pós-doutorado de Natália Garcia Pinto, com a intenção de compreender a participação negra no instituto, com o suporte dos quadros de formatura e demais documentos.

## 5. CONCLUSÃO

O presente artigo, produto do Trabalho de Conclusão de Curso da Formação Pedagógica para Graduados Não-Licenciados do IFSul, teve como intenção perseguir e responder a seguinte pergunta: qual o impacto do projeto “O Acervo Institucional como um espaço de preservação da memória da Educação Profissional e Tecnológica” e seu processo de salvaguarda? Com os objetivos, já percorridos, compreendemos que o impacto desta ação está na (re)descoberta de uma documentação relevante e imprescindível para a história, a memória e a identidade do IFSul, com a melhor realocação do material arquivístico, sua higienização e sua catalogação. Tal impacto também é nítido na disposição desse material, o qual será – em etapa seguinte – digitalizado, com a possibilidade de acesso direto por repositório, o que facilitará a introdução de novos estudos. Identificou-se, com o mapeamento prévio, categorias analíticas, em documentos que não apenas narram parte da história da primeira metade do século XX em Pelotas/RS e até mesmo do Brasil, como também contam o início, a aurora dessa instituição, seus trâmites burocráticos e modo de operação, seu público docente, funcionários e discentes (majoritariamente masculino nas décadas pesquisadas).

Por fim, reiteramos que o trabalho apresentado é um sobrevoos acerca do que se fez, de como se fez e dos resultados obtidos pelo projeto “O Acervo Institucional como um espaço de preservação da memória da Educação Profissional e Tecnológica”, debruçando-nos no que emergiu dessa prática, sem a pretensão de esgotar as discussões acerca da salvaguarda da memória do IFSul, mas, pelo contrário,

introduzir as possibilidades de pesquisa num convite à comunidade institucional para o (re)conhecimento de sua história.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo**: entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação. Porto Alegre: Editora Letra1, 2021.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JACCOUD, Mylène; MAYER, Robert. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean; et. al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LEON, Adriana Duarte; RODRIGUES, Tobias Medeiros; BORGES, Alexandre da Silva; LIMA, Rovená Ramos. A preservação da memória e o desafio dos acervos institucionais. In.: BRAGA, Daniel L. S. **Reflexões e inovações nacionais no século XXI em Ciências Humanas e Sociais**. Disponível em <https://institutoscientia.com/catalogo/livro-humanas-2/> Acessado em 14/08/2022.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: E. P. U., 2018.



PHILLIP , B. **Pesquisa social**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

ROSCILD, Adriana; LEON, Adriana. Os “**pobres e desvalidos da sorte**” e a **educação profissional**. Revista VERUM, v. 1, n. 2, mai.-ago., 2021.